



COEB 2018

VII CONGRESSO DE EDUCAÇÃO BÁSICA

Docência na sociedade multímedias

Dias 05 e 06 de fevereiro

Realização



Docências: especificidades, saberes e práticas da Educação Infantil, Ensino Fundamental, Educação Especial e Educação de Jovens e Adultos

Jaison José Bassani
Universidade Federal de Santa Catarina

Roteiro para a palestra

Interrogação inicial sobre o título proposto para esta mesa: “especificidades”, “saberes” e “práticas” das docências (o plural aqui não é menos importante) na Educação Infantil, no Ensino Fundamental, na Educação Especial e na Educação de Jovens e Adultos

Dessas palavras, a que chamou mais a minha atenção foi *especificidades*

Por meio dela, fui levado a perguntar sobre o que seria específico, único, singular, “essencial” à docência

Deste exercício inicial de pensamento, resultaram duas constatações...

1ª constatação

De que *há especificidades na especificidade da docência*: a etapa da EB, os sujeitos com quem nos relacionamos, o componente curricular do qual fazemos parte importam.

Mas, se fosse possível definir o que é específico do trabalho docente, aquilo que só o/a professor/a faz, então, de alguma forma, poderíamos nos interrogar sobre essas e outras especificidades. Poderíamos também nos ocupar de pensar as docências (novamente o plural).

2ª constatação

Onde procurar a especificidade da docência, sua singularidade?

Parafraseando a Martin Heidegger (no texto “Construir, habitar, pensar”, de 1951), poderíamos nos perguntar: o que ou quem nos oferece de fato uma medida para dimensionarmos a essência do que é a docência?

Somente a linguagem pode nos fornecer acesso à essência de uma coisa... e essa é a 2ª constatação.

Há um “vigor próprio” da linguagem, que geralmente não prestamos atenção, porque tendemos a considerá-la apenas como meio de expressão.

“Dentre todos os apelos que nos falam e que nós homens podemos a partir de nós mesmos *contribuir* para se deixar dizer, a linguagem é o mais elevado e sempre o primeiro.” (HEIDEGGER, 1954).

Um exemplo:

Docência: ação de ensinar; exercício do magistério

Docente: referente ao ensino ou àquele que ensina

Do verbo latino *docēre*, no sentido de “ensinar, instruir, mostrar, indicar, dar a entender”.

Fonte: Dicionário Houaiss

Organização geral da palestra

1º momento: apresentação de uma síntese a respeito da leitura analítica de dois documentos político-curriculares da RMEF (Diretrizes para EB, de 2015 e Proposta Curricular, de 2016), buscando descrever as assertivas relacionadas à docência, ao/a docente e ao/a professor/a.

2º momento: a partir do que é dito nesses documentos sobre a docência, faço algumas observações, questionamentos e problematizações.

Antes de passar para o 1º momento, dois comentários:

- Sobre os procedimentos para esta análise (estranhamento daquilo que é familiar, um olhar de “fora para dentro”)
- Dificuldades e limites (relação sujeito-objeto, refinamento metodológico, comparações com outros documentos)



COEB
2018

VII CONGRESSO DE EDUCAÇÃO BÁSICA

Docência na sociedade multímedias

1º momento

Realização





Por que esses documentos?

Observação sobre a Proposta Curricular (foco na primeira parte do documento, especialmente em relação ao/a professor/a)

O que evitei fazer?

- Tanto o discurso institucional quanto uma “postura denunciante”
- Reforçar dicotomias (teoria X prática, currículo formal X currículo real etc.)

Exemplos:

resultados da aprendizagem.

Dessa forma, ao promover a apropriação dos conhecimentos, o olhar do/a professor/a deve estar focado no percurso de desenvolvimento do/da estudante ao longo do processo, partindo da historicidade de cada um/uma desses/dessas estudantes e avaliando esse desenvolvimento com base nessa mesma historicidade. Sob tal perspectiva, aprender implica – por ocasião da apropriação dos objetos de conhecimento – encontrar-se consigo mesmo, com o outro, com o diferente e, nessas experiências, dá-se a criação de possibilidades sempre novas de desenvolvimento. Em uma mesma aula, com o mesmo professor, um conjunto de diferentes aprendizagens acontece, tendo em vista que os/as estudantes são singulares em sua historicidade e que cada um aprende a seu modo, mas sempre o faz na relação com o outro.

Assim, em cada unidade educativa, os/as profissionais da educação precisam buscar maneiras de contribuir para esse processo de formação, articulando não só os Componentes Curriculares, mas, também, buscando formas de promover a relação interdisciplinar, a partir de articulações mais abrangentes. Com base em seus conceitos fundantes, as Áreas devem dialogar em abordagens integradas que criem condições para que os/as estudantes se apropriem de suas especificidades, compreendendo, porém, tais especificidades sob uma perspectiva integradora que lhes faculte a formação humana integral.

FLORIANÓPOLIS, 2016, p. 29

o papel da Educação Especial e pela expectativa de um conhecimento que não seja de natureza pedagógica. É importante esclarecer que não é finalidade da Educação Especial, seja pelo atendimento educacional especializado realizado nas salas multimeios, seja pela atuação de professores/as⁹⁷ e intérpretes da Língua Brasileira de Sinais ou pelos serviços de profissionais de apoio que acompanham estudantes, destituir os/as professores/as do ensino regular da responsabilidade pela escolarização de seus/suas estudantes. É comum haver situações em que se acredita que os/as professores/as da Educação Especial são especialistas capazes de dizer como cada estudante com deficiência aprende. É preciso discernir a função dos/das professores/as da Educação Especial, que realizam o atendimento educacional especializado, dos/das professores/as e intérpretes de LIBRAS, do/da profissional de apoio e dos/das professores do ensino regular. Como cada profissional possui um papel definido, estes últimos devem se preocupar em ensinar, criar condições para a apropriação de conhecimento de todos/todas os/as estudantes de cada turma, assumindo o seu papel pedagógico, não a partir da padronização, mas da compreensão das diferenças como inerentes a qualquer grupo. Os/As profissionais da Educação Especial devem promover recursos e condições de acessibilidade nos diversos contextos de aprendizagem aos/às estudantes público-alvo desse serviço.

Vivenciar experiências, estar e aprender juntos, de forma cooperativa e solidária, de modo que cada estudante e cada professor/a percebam as próprias diferenças e as dos outros, é o melhor caminho para o reconhecimento das potencialidades de cada um/uma, a superação de preconceitos, a compreensão de que cada sujeito é único e de que está em constante transformação. Dessa forma, torna-se possível perceber e

profissionais envolvidos.

Nessa proposta educativa não seriada e não disciplinar, a atuação do/da professor/a precisa ser reinventada, pois não há um roteiro definido de antemão. Isso requer do/da profissional certa maturidade intelectual e emocional e confiança no processo. O fazer pedagógico neste campo exige abertura pessoal para o novo e para o trabalho coletivo. Assim, é imprescindível que os/as educadores/as conheçam a proposta pedagógica da EJA, que tem como particularidade a pesquisa como princípio educativo. É necessário que compreendam e se apropriem dos objetivos e da dinâmica de trabalho que a pesquisa pressupõe.

Também é preciso entender a dimensão do planejamento coletivo, sem o qual, tudo cai por terra. Esse tipo de planejamento exige que o/a educador/a saiba trabalhar em grupo e esteja disposto a compartilhar o seu conhecimento para além das fronteiras disciplinares de sua formação, bem como a circular pelas diferentes Áreas do Conhecimento.

Acrescida à dimensão anteriormente referida, há ainda a atuação conjunta, para a qual os/as profissionais sentem-se despreparados. Não basta apenas planejar coletivamente, há que se compartilhar a docência, num processo recíproco de aprendizagem e convivência. Além disso, o/a professor/a também precisa aprender, junto aos seus pares, a: reconhecer os conhecimentos prévios dos/das estudantes, despertar sua curiosidade, auxiliá-los/las sem fornecer respostas prontas, ensinar os procedimentos de diferentes técnicas de investigação, entre outras especificidades. Por assim dizer, o/a educador/a necessita aprender como efetivamente orientar uma pesquisa. Ainda, o/a professor/a precisa educar o seu próprio olhar, mantendo atenção e respeito à diversidade dos sujeitos da EJA e à desigualdade dos contextos dos quais são oriundos.

o que só é possível à medida que os sujeitos atribuam sentido ao o que é proposto e vivido.

Em ambos os casos, um **trabalho pedagógico que toma a problematização como ponto de partida** enriquece as experiências e permite aos estudantes atribuírem sentido aos conhecimentos e produtos culturais que acessam de forma intencional nas instituições educativas. Além disso, permite que as diferentes áreas de conhecimento ou Núcleos de Ação Pedagógica e a Brincadeira sejam contemplados sem haver fragmentação dos conhecimentos, ou seja, **permite uma abordagem global dos conhecimentos por meio da participação direta dos sujeitos** sejam eles crianças, adolescentes, jovens, adultos ou idosos, que questionam, pesquisam e sistematizam seus processos de aprendizagem, **com a mediação dos professores.**

Outro aspecto comum é a dimensão das relações sociais que se revela fundamental, já que **o processo de desenvolvimento se dá quando o ser humano passa a dominar os elementos culturais** e, para isso ele precisa dos **professores, dos pares, do meio** (PRESTES, 2013). Desse modo, pode-se afirmar que um eixo comum da Educação Básica é uma **educação baseada nas relações**, que por sua vez tem como cerne a educação e cuidado.

³ Registro do encontro de formação com Zoia Prestes em 29/10/2013 para discutir a brincadeira e o desenvolvimento.

Aspectos gerais

- São poucas as menções à docência (1 ocorrência), docente (4 vezes) e professor/a (6 ocorrências) na Diretriz Curricular para Educação Básica da RMEF. Por que isso? Essa “ausência” é importante?
- Na Proposta Curricular da RME, ao longo de todo o documento, há maior frequência de registros das palavras “docente” e “professor/a” do que de docência. Como interpretar isso?
- Em ambos os documentos, **docente** geralmente aparece vinculado a outro substantivo: “formação docente”, “prática docente”, “ação docente”, “atuação docente”, “experiência docente”, “profissionalização docente”.



COEB
2018

VII CONGRESSO DE EDUCAÇÃO BÁSICA

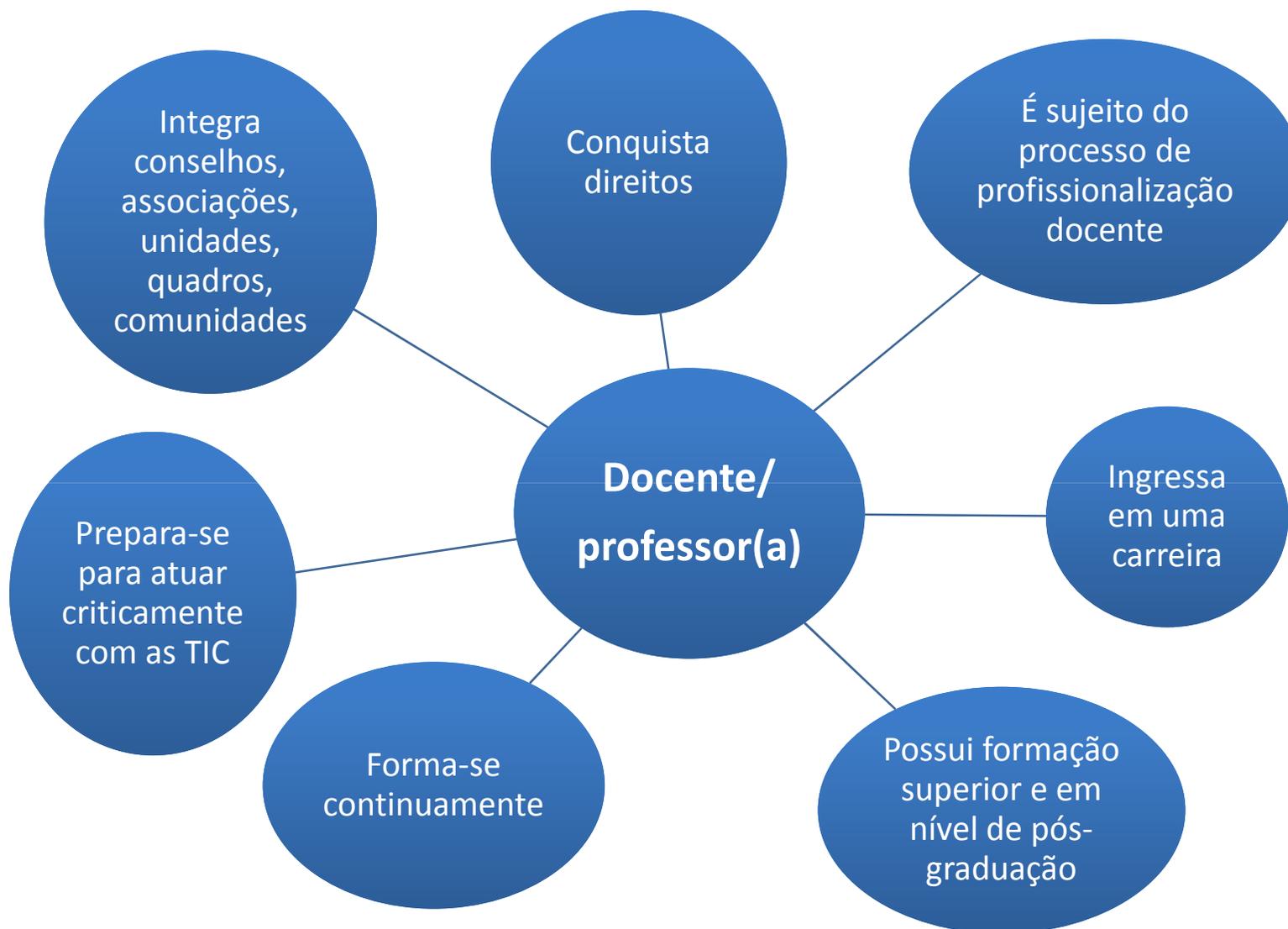
Docência na sociedade multímedias

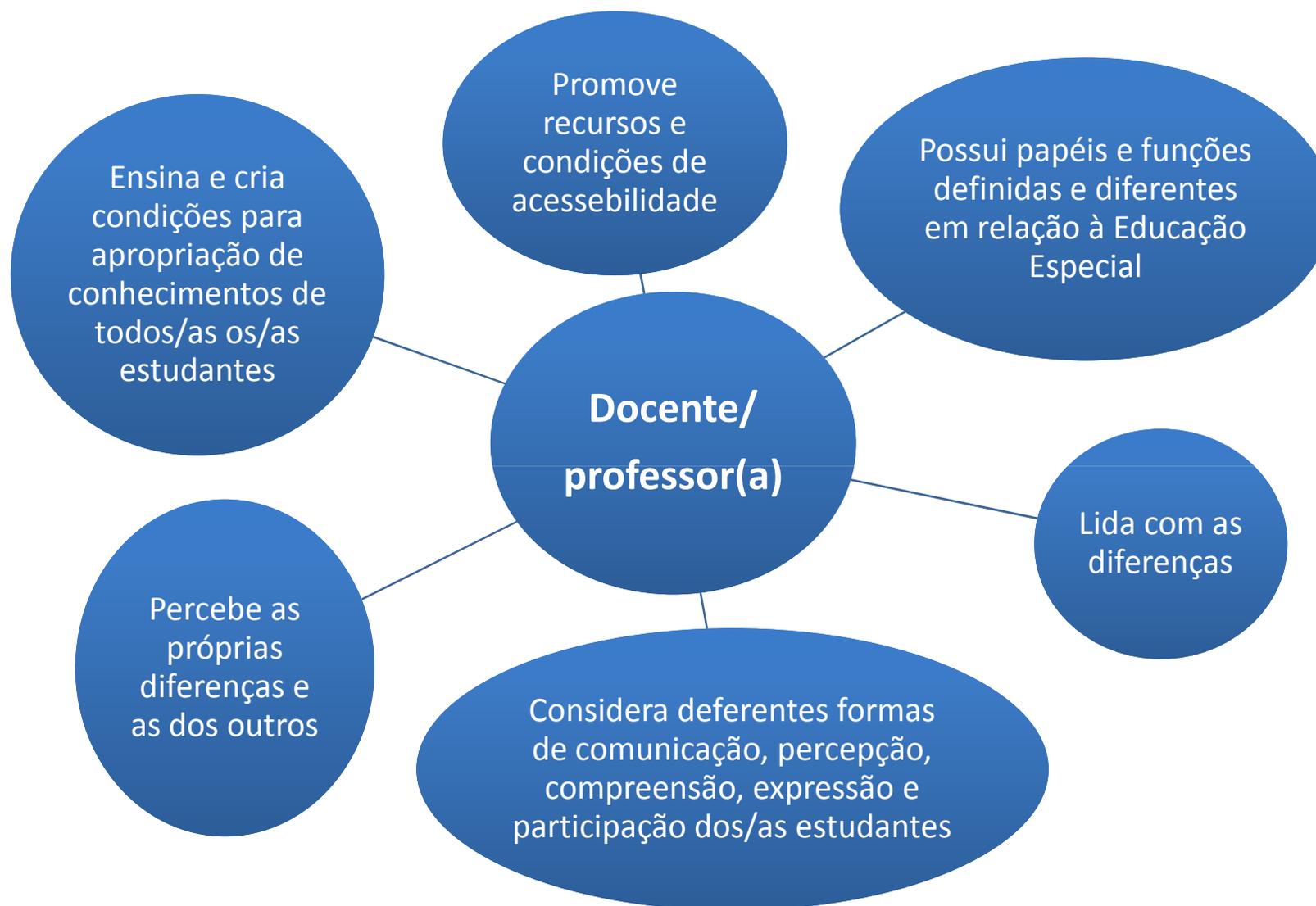
Síntese deste exercício de leitura

Realização

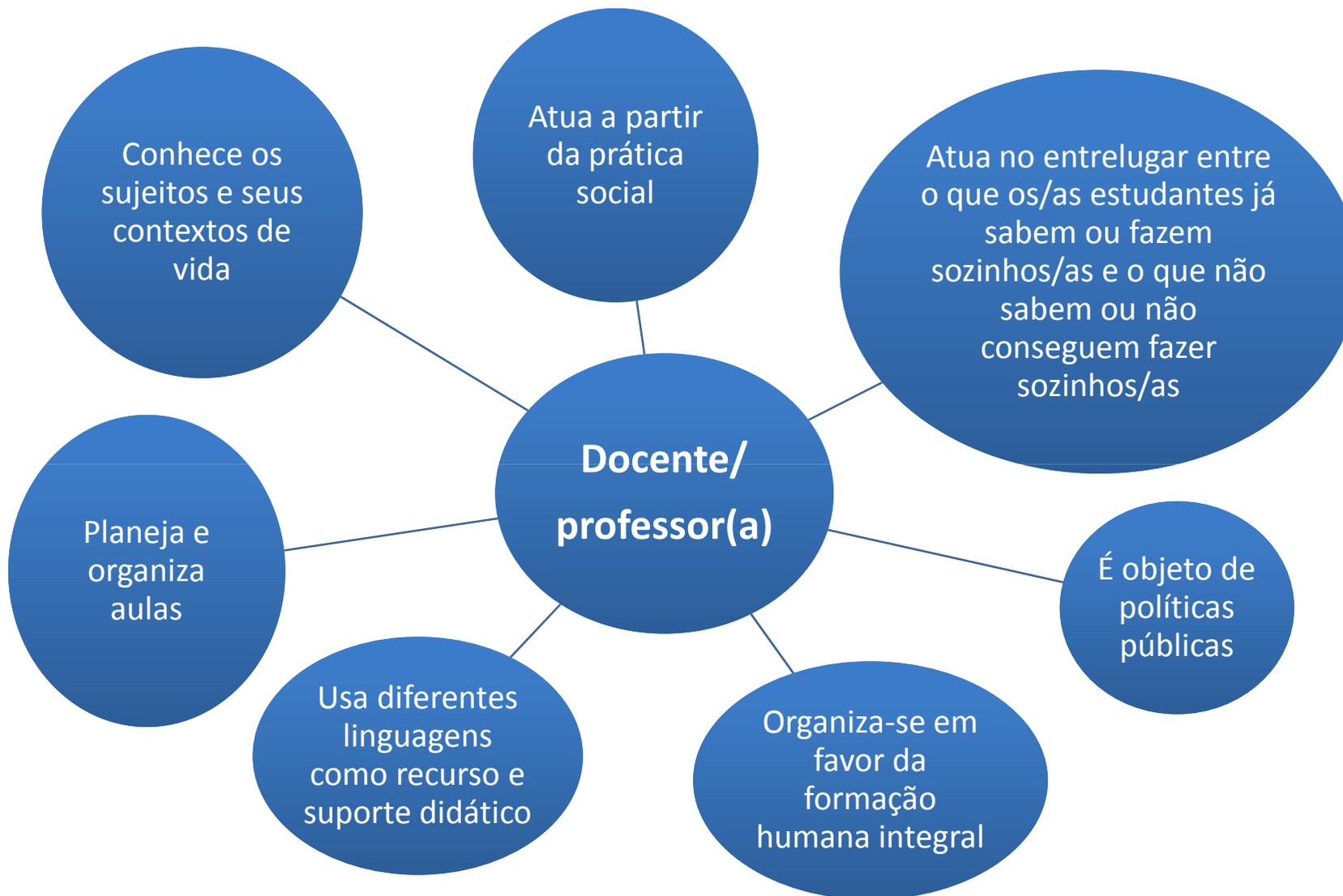


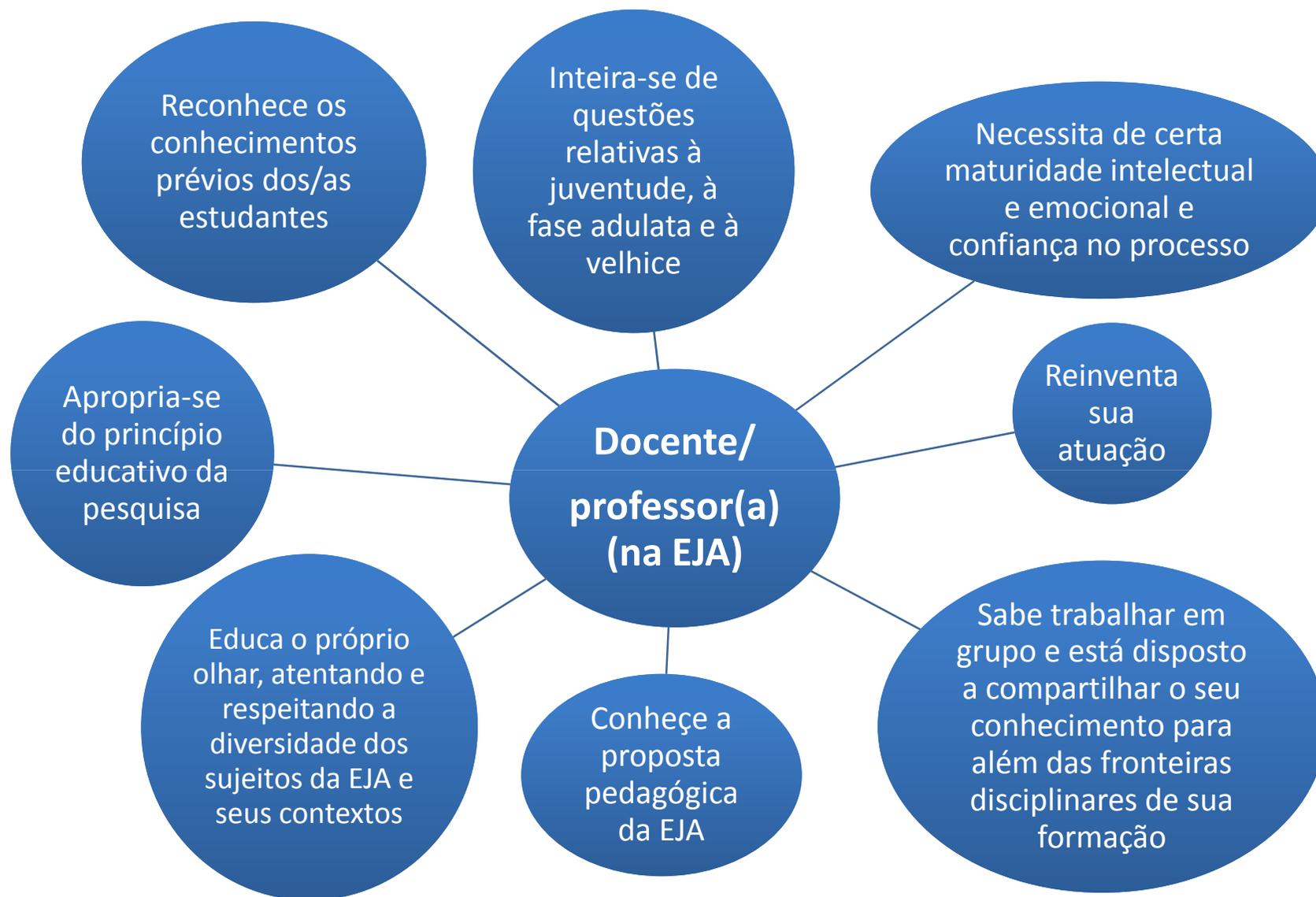












2º momento:

Observações, questionamentos e problematizações

- Considerando a provisoriedade do exercício de leitura proposto, há uma **ampliação** ou **diluição** das *especificidades* da docência nestes documentos?
- Perguntava anteriormente como podemos interpretar essa maior recorrência dos termos “docente” e “professor/a” em relação ao vocábulo “docência”. Que significado isso pode ter?

- Há um *deslocamento*, nos documentos, do foco no ensino, aquilo que faz o professor/a, para a aprendizagem, aquilo que realiza o/a estudante.
- Com isso, as *especificidades passam a estar nos sujeitos* (professor/a e estudantes, sobretudo, mas também outros membros da comunidade escolar) e seus contextos.
- Não seria importante promovermos uma inflexão em direção à especificidade da docência? Consideremos, por exemplo, relatos de experiência ou de pesquisa sobre nossas práticas pedagógicas.

- Mas afinal de contas, qual a “essência” da docência, sua especificidade, de acordo com o que pudemos ver dos documentos? Parece ser a de *conduzir ao conhecimento*.
- Importante lembrar que essa condução ocorre em um quadro institucional que define as condições materiais, financeiras, burocráticas etc.
- Que potências há nessa representação “contemporânea” do/a professor/a como aquele/a que conduz ao conhecimento?

- Chave importante para compreender a condição do/a professor/a: ele/a deve fazer alguma coisa, e será cobrado por aquilo que tiver feito, mas ele/a não pode produzir diretamente o resultado de sua ação. O que vai produzir ou não o conhecimento é a atividade intelectual do/a aluno/a, e este/a tem a capacidade de bloquear todo o processo. (CHARLOT, 2006).
- Problematizar a imagem que fazemos de nós mesmos e de nosso trabalho.

Muito obrigado pela atenção!

E-mail: jaisonbassani@uol.com.br e jaison.bassani@ufsc.br